

} 3.6

Gostar – sem complexo de verbo

O Mestre José Rodrigues gosta de periferias e de centros e gosta de sublimar os sentidos nesses espaços, transformando-os em lugares de onde se vai e se fica e mundo se faz.

O Cubo da Ribeira foi a primeira escultura que vi do Mestre Zé – um fascínio, um entusiasmo (no real sentido dos gregos). “Entranhou-se” imediatamente depois de a “estranhar” e permanece como espaço de encontros e de admiração. As pombas poisadas convidam à contemplação do rio e das gentes, nos dias que os meses levam nos anos, e em noites em que S. João abraça a cidade.

São assim todas as esculturas por si pensadas, sonhadas, desenhadas, trabalhadas – manifestações de sentidos soltos, não catalogados, mas interventivos.

A pedra, o bronze, o metal, o ferro têm a leveza do que permanece enraizado na alma.

Gosta-se. Gosto. Admira-se. Admiro. Sem preocupações de explicação. Apenas permanecer na sensação de sermos envolvidos pela leveza com que transforma os materiais mais pesados e rudes, pelas formas sensuais e aladas de anjas que cruzam céus com as pombas em missão branca.

Da sua África – Angola de nascer – traz em si o espaço sem medida e o calor-brasa, que no bronze é luz e espelho.

Há uma sensualidade rara, esquiva e livre com que teima em moldar, em desenhar, em misturar matérias, num desafio constante ao nosso imaginário. E isso, isso é uma genialidade só pertença dos eleitos.

Os peritos e os críticos de arte dizem-no, ora “expressionista” ora “descritivo” no traço, falam de recursos ao “idealismo” e ao “informalismo” e recordam

os 20 valores que obtive como nota final no Curso Superior de Belas Artes do Porto com o seu "Guardador de Sol", nos idos de 1964 – escultura que continua a espantar nos jardins daquela Faculdade.

José Augusto França fala da sua arte de desenhar como "uma poética de dizer o não dito por demais sabido", Eugénio de Andrade conheceu Zé Rodrigues "há milhares de anos num encontro nas grutas de Altamira", eu, que poeta não sou e que para a crítica de arte engenho não possuo, considero-me uma privilegiada por "viver" na amizade do Mestre, por ter sido através da sua vasta, diversificada e sedutora obra que descobri o mundo da reescrita dos materiais em formas de encantar, como as anjas e os Cristos – que me atraem fatalmente para um diálogo contemplativo e inacabado.

Disponível para a criação, como também Eugénio referiu de forma ímpar, a maior disponibilidade do Mestre Zé Rodrigues é para a AMIZADE, assim escrita. AMIZADE como casa de partilha de cumplicidades, de inconformismo, de irreverência, de palavras de incentivo em longas conversas vigiadas pelos "guardadores de estrelas" e pelos "anjos protectores". De vida.

Gosto muito de ali permanecer, deixando propositamente o tempo à porta da Fundação, do Convento, de todos os locais onde os encontros acontecem por agenda ou por acaso.

O Mestre faz o nosso mundo, o meu mundo, um lugar de acácias sorridentes, onde as lágrimas são pérolas do Oriente e de onde não consigo, não quero, afastar-me. Pereceria sombra.

Nassalete Miranda